

Avanti, cari connazionali!

Tentativas de construção da
italianidade em Santa Catarina

*Claricia Otto**

O estudo sobre as causas que levaram à emigração de italianos é um tema recorrente na historiografia e são vários os pesquisadores que abordam como seu principal fator a crise vivida em toda a Europa, na segunda metade do século XIX. A historiadora Roselys Izabel Correa dos Santos, ao empreender uma pesquisa nos jornais italianos do período emigratório, observou que alguns deles abordavam o problema da expulsão de centenas de camponeses do país e dos seus sentimentos em relação à Pátria que deixavam. O periódico *L'Eco de Bergamo* assim descrevia:

Um nosso amigo, por um bom trecho, viajou em um trem no qual viajavam também muitos destes infelizes que a miséria expulsa da Pátria. Ele escutou as suas canções e as suas conversas. Quereis saber o que falavam? Eram palavras e cantos de maldição à Itália! Eis o que deu ao nosso País o regime do liberalismo¹.

* Doutoranda em História - UFSC.

Quando as maiores levas desses imigrantes, por volta de 1875, aportaram em solo brasileiro, foram durante longos anos abandonados à própria sorte, seja pelo governo da Itália ou do Brasil. Todavia, entre as tensões vivenciadas nos núcleos coloniais desde os primeiros anos² e, diante do sentimento de pouca expressividade no estado, projetou-se por parte dos agentes italianos sediados na capital catarinense um “reavivamento” através da criação de associações e periódicos³.

Dessa forma, conjectura-se que, num determinado momento houve uma ação intencional de introjetar nessa população a imagem de uma “outra” Itália, diferente daquela que os obrigara a emigrar, ou seja, ao invés de “cantos de maldição”, entoar cantos de louvor à Itália.

É interessante verificar que entre os jornais produzidos e destinados aos núcleos coloniais italianos, circularam discursos que objetivavam a construção de um imaginário social acerca da grandeza e do valor da pátria italiana, bem como de seus heróis. Elegeu-se, para a reflexão do presente artigo, um *corpus* formado pelos periódicos, *L'Operaio*, *Vita Coloniale* e *La Tribuna*⁴, editados em Florianópolis. O primeiro tinha como endereço de redação a praça XV de novembro, nº 20 e, os outros dois, a sede da *Società Frattelanza Italiana*⁵.

O periódico *L'Operaio* surgiu em 05/07/1896 e encontram-se conservados pelo acervo nove números, sendo que a datação do último é de 30/08/1896. A iniciativa de sua criação foi da “Sociedade União Italiana”, fundada em 11/06/1896, embora o secretário da *Società Frattelanza Italiana*, Gilberto Veleggia fosse o diretor. O *Vita Coloniale* circulou nos anos de 1917 e 1918. O seu primeiro número data de 15 de agosto de 1917 e o último é de 1º de outubro de 1918. O seu diretor era Salvatore Taranto, professor e secretário do Régio Consulado. O *La Tribuna* surgiu em 01/02/1932 e teve como primeiro diretor o professor Arnaldo Suarez Cuneo e o redator-chefe Biagio D'Alascio, sendo que a partir do número 09 D'Alascio passou a ser o diretor⁶.

Utiliza-se o conteúdo desses jornais como fonte e objeto de análise, visto que o jornal como fonte histórica tem grande importância, pois permite ao historiador visualizar o universo em que foi produzido, o qual reflete a vida no âmbito social, político, econô-

mico e ideológico. A ênfase a determinados acontecimentos revela os “conflitos sociais” da época. Nesse sentido, são muito mais do que simples propagadores de notícias pois a imprensa atua “como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção social”⁷.

Dessa forma, a partir da leitura dos jornais citados, formulou-se a hipótese de que eles influíram na coletividade italiana em um período-chave para a construção acerca do imaginário da italianidade que, posteriormente favoreceu à recepção das idéias fascistas⁸. Essa proposição pode ser verificada em um dos principais objetivos explicitados no *La Tribuna*: “manter acesa a italianidade e a consciência dos direitos sagrados defendidos tenazmente pelo Homem⁹ que dirige os destinos da Itália”¹⁰.

O foco central deste periódico foi a figura do grande *Duce*¹¹ - Benito Mussolini. Assim, para entender o conteúdo desses veículos de comunicação, buscou-se na teoria de Baczko a indicação de que o imaginário social é mantido por meios que asseguram a sua difusão, como também aponta o autor que “qualquer poder procura desempenhar um papel privilegiado na emissão dos discursos que veiculam os imaginários sociais, do mesmo modo que tenta conservar um certo controle sobre os seus circuitos de difusão”¹². Para este autor, o que os meios de comunicação

[...] fabricam e emitem, para além das informações centradas na atualidade, são os imaginários sociais: as representações globais da vida social, dos seus agentes, instâncias e autoridades; as imagens dos chefes, [...] a informação estimula a imaginação social e os imaginários estimulam a informação, contaminando-se uns aos outros numa amálgama extremamente ativa, através da qual se exerce o poder simbólico¹³.

Nesse sentido, esses meios exerceram a função de enaltecer a Itália e seus líderes. Ademais, esses veículos integravam-se no rol das iniciativas do governo italiano de oferecer amparo efetivo aos compatriotas emigrados, no alvorecer do século XX¹⁴. Era necessário empreender um projeto para reavivar o sentimento de ser filho da Itália e conquistar um lugar expressivo na sociedade catarinense.

Desse modo, *L'Operaio* objetivava ser “um eco da Pátria distante” e um instrumento que servisse ao seu engrandecimento. O

redator desse periódico informou que no estado de Santa Catarina existiam quase 50.000 italianos e questionava-se sobre o motivo que levava um número tão elevado de pessoas a não ocuparem cargos públicos, entre outros. Ele mesmo teceu algumas causas que asfixiavam as iniciativas das colônias italianas catarinenses: “o abandono em que o régio governo as deixara, a aproximação das colônias alemãs do Norte que se estabeleceram antes de os italianos chegarem e que, portanto, têm a hegemonia e, os próprios italianos que se acomodaram”¹⁵. Todavia, o articulista enfatizava que a “Confederação das Colônias Italianas do Sul do Estado”¹⁶ e o jornal *L'Operaio* da “Sociedade União Italiana” de Florianópolis eram iniciativas louváveis que mudariam este quadro de pouca expressividade das colônias italianas catarinenses, fosse no setor político, econômico ou social. Além disso, as associações manteriam vivo o amor à Itália, sobretudo porque as novas gerações já não se ligavam mais à Pátria distante.

O periódico *Vita Coloniale* foi fundado nos tempos da Primeira Guerra Mundial e, assim, identificava amor à Pátria com um sentimento nacionalista mais forte que os demais e incentivava todos os italianos a colaborarem com a guerra. Entre as formas apresentadas para esta colaboração, destaca-se a exortação para ir ao combate, e a colaboração através de donativos em apoio às associações beneficentes como a Cruz Vermelha e o auxílio em prol dos fugitivos da guerra: *Avanti, cari connazionale!*¹⁷ Se não podemos oferecer à nossa cara Pátria o nosso sangue, ao menos concorremos com a nossa esmola, por mais modesta, serve para cicatrizar uma chaga, acalmar a febre, enxugar uma lágrima dos gloriosos e valerosos irmãos feridos”¹⁸. Na página 03 deste jornal, consta que no final do ano seria publicado em um livro “de ouro” o nome de todas as pessoas e a quantia doada individualmente. Além disso, existia uma comissão que revisava e controlava as contas que mensalmente eram publicadas no respectivo periódico.

No poema de autoria da colunista Fanny R., intitulado: *Cruz Vermelha*, verifica-se as campanhas promovidas com a finalidade de arrecadar recursos financeiros para esta obra beneficente:

/ mas sempre avança indômito / na direção da meta gloriosa o forte. /
- De Savóia o fatídico / grito ressoa pelo deserto plano; / ondeiam
fileiras adversas, / toma a fuga o inimigo e já vai longe. / - No grito de
vitória / tremula ao sol soberba a tricolor; / jubilosos os soldados
retornam / animados ainda de guerreiro ardor. / - Mas lá, no campo,
jazem / feridos, os desfalecidos, e seu lamento / vai tristemente se
mesclar / de exultantes músicas ao concreto. / - Quem em seu socorro
se apressa? / Quem os recolhe com piedoso cuidado? / Quem os
transporta rapidamente / Ao leal teto, à tenda segura? / - Eis os santos
militantes, / assinalados no braço com a cruz vermelha / a aliviar
solícitos / o mal causado pela luta feroz. / - Oh! na santa empresa /
Ninguém recuse de ajudar aqueles abnegados! / Oferecemos todos
um óbulo, / em seu louvor por todos ecos um hino.../ - E até nós
pequenos / demos o tributo de um sincero amor. / É uma gota de
bálsamo / oferecida a quem por nós combate e morre¹⁹.

O articulista, ao tratar sobre os conflitos da guerra, desprestigiava a ação dos alemães e dos austríacos que, segundo o jornal, eram os eternos inimigos dos latinos. A primeira edição de 15/08/1917, expôs e justificou a sua linha central, pois desejava preencher uma lacuna existente na vida dos núcleos coloniais espalhados pelo estado catarinense, e argumentava: “nenhum meio existiu até agora para manter vivo o sentimento da nossa italianidade entre nós tão distantes e, no entanto, com o coração tão próximos da Mãe Pátria”. Apresentou o seu programa que seria o de divulgar notícias sobre a Itália, notícias da Grande Guerra Mundial, notícias sobre assuntos diversos que poderiam interessar ao Brasil e especialmente ao Estado de Santa Catarina. Divulgaria também as correspondências recebidas que relatavam acerca da vida que se desenvolvia nos diversos centros coloniais do Estado, faria a prestação de contas dos fundos recolhidos em prol da Cruz Vermelha Italiana e da Obra de Assistência aos Militares e às suas famílias, comunicações do régio cônsul da Itália²⁰, notícias sobre as escolas ítalo-brasileiras e estimularia a vida colonial “produtiva, fecunda, disciplinada e digna do país – a Itália”²¹.

A partir de atos heróicos, abnegados e patrióticos, este jornal descrevia a participação da Itália na guerra. Os relatos desses acontecimentos eram numerosos e longos. Para o articulista, seria no

enfrentamento do inimigo que se perceberia a solidariedade dos italianos. Os artigos direcionavam suas escritas, de modo a se ver na Itália um modelo de determinação, de valor, de princípios e de força²².

Ao descrever o caso do italiano Eliseo Tonelli, que voltara da guerra sem os dois pés, exaltava o seu patriotismo pois, segundo o redator, Tonelli voltara tranqüilo por ter cumprido o seu dever. “Ó Tonelli, tu viveste para um grande ideal, tu sofreste para uma grande pátria, tu enobreces a todos, porque tu és um verdadeiro herói”²³. Outro exemplo semelhante a este é o do Sr. Giuseppe Piccolo que também deixara o Brasil, mulher e filhos para ir combater na Europa em defesa da Pátria. Ao ser ferido e necessitar de tratamento, mal esperava o momento de ver-se curado e voltar ao campo de batalha. “Bravo o nosso Picollo!”²⁴. No periódico número 11, informava-se que ele, já recuperado, voltara para a fronteira²⁵. Dessa forma, também os voluntários que se dirigiam ao combate eram exaltados como heróis.

Apelava aos italianos residentes no exterior, entre os 18 e 43 anos de idade, que se inscrevessem como voluntários à guerra²⁶, não ficassem aguardando uma convocação individual. Realizavam-se promessas de que as famílias seriam assistidas e as despesas com a viagem estariam sob a responsabilidade do governo italiano. O articulista, ao insistir sobre a necessidade de se apresentar e ir para a guerra, utilizava-se de argumentos tais como: o indivíduo convocado que não fosse ao combate, não poderia mais se valer da sua italianidade para fazer prevalecer a justiça, para impor respeito aos seus direitos e para poder gozar dos frutos de seu trabalho.

Em 20 de setembro de 1918 escreveu sobre a entrada em Roma, mesma data (dia e mês) em que se efetivara a Unificação Italiana em 20/09/1870. O redator assim concluiu: “que neste 20 de setembro se inicie o ano definitivo da vitória dos aliados”²⁷.

Conforme já se destacou, o *Vita Coloniale* dirigiu a atenção para a Grande Guerra na qual a Itália estava participando. O desejo valoroso é que dela surgisse a vitória dos aliados e a conseqüente afirmação da Itália como grande nação unificada que reconquistava todos os domínios da língua italiana e impunha o respeito à raça que a dominou durante muito tempo: a alemã. Em alguns exem-

plares, para se intensificar o amor pátrio, apelava-se para a linguagem poética, que em alguns casos era uma exortação ao ódio como se pode verificar no texto, “O novo pai nosso”, abaixo transcrito, que remetia ao hino de Garibaldi:

Todos os homens livres mortos que estais na terra e no céu, santificados sejam os vossos nomes, venha ao Reino o vosso espírito, seja feita na terra a vossa vontade. Dai, por nossa fé, o pão de cada dia, mantêm em nossos corações o ódio santo, assim nós jamais renegaremos o vosso amor, afastai de nós toda tentação ignominiosa, livrando-nos de toda dúvida covarde. Se for necessário nós combateremos até a última molécula das nossas cinzas, se for necessário nós combateremos até que o Deus da justiça venha julgar os vivos e os mortos. Amém²⁸.

Através da veiculação de versos, poemas, cantos e imagens, os mentores desses jornais procuraram incutir a imagem do herói e exaltar a “grande” pátria italiana. Giuseppe Garibaldi foi a figura de destaque nas guerras de independência e na Unificação Italiana. Assim ele e Anita, entre outros, eram citados como modelos de heroísmo. Nesse sentido, uma alusão à necessidade de se libertar do jugo alemão aparecia em poema intitulado: “Hino dos Vingadores”:

Erguei-vos irmãos, erguei-vos soldados! / Vinde em cerradas fileiras.
/ A faticida bandeira / - Não queiramos recuar. / No alemão, austríaco insulto / Estreitamo-nos num novo pacto; / É o itálico resgate / Que ninguém quererá trair; / - O arrozal e a mina / O campo e a oficina / Seriam presa da rapina / do teutônico invasor. / - o invasor que derrotamos / No insonzo [?] em cem empresas / Não insulte o belo país / Que nossos avós nos confiaram. / - Se a pátria não é engano / Ou a Itália uma ironia / Se o lutar não é loucura / Pela santa liberdade / - Esteja em nosso coração ardente / Pela pátria um só pensamento / Fora, fora o estrangeiro / Que o belo solo contaminou. / - Os celerados confins / o estrangeiro transpôs / E o inimigo, na verdade / Não está longe, está entre nós. / - Rechaça-lo é dever nosso! / Rechaça-lo é nosso direito! / Sejamos unidos, e por desconfiança / Da Itália fugirá²⁹.

Ainda outros poemas evidenciavam o espírito nacionalista. Um deles exaltava a bandeira italiana, com o título *Tricolore*, conforme segue:

Ó pombinha vestida de branco / À minha janela, oh! retém teu vô! /
O Triestino, querida, está cansado / De ainda te ver numa só cor / -
Vem para que eu tinja de vermelho teu peito e teu flanco / De verde a
cabeça... então me consolo / E tu desprendes o vô despachado e
franco: / Saiba o Trieste que o dolo acabou. / - Se tu levas o branco, o
verde, o vermelho / Bem serás a alegria da vossa terra, / Símbolo de
paz após a áspera guerra. / - Do estrangeiro poder o jugo sacudido /
Em doce riso cada luto se transforma / Ó bendito o branco, o verme-
lho e o verde³⁰.

A Camisa Vermelha, sem o registro de autoria, era o título de outro poema. Invocava o espírito de Garibaldi para fortalecer os soldados italianos:

Garibaldi dizia aos seus guerreiros: / - Filhos, comigo se come e se
dorme pouco, / Quem, em nossa casa, não quer mais estrangeiros, /
Não deve nunca encontrar pousada nem lugar, / E por vales e montes,
meses inteiros, / Sempre ao sol, à neve, à água, ao fogo / Comigo
quem quiser levar vestes de honra, / Deve conquistá-las com seu pró-
prio valor, / Tendes uma camisa branca vestida, / Com vosso sangue
tingi-la de vermelho. / Estava perdida no mar a concha / Que tingia a
púrpura dos tiranos: / Perdeu-se e nunca mais será reconquistada, /
Nem se refaz com ouro ou com enganos / Mas a santa camisa sempre
vermelha / Será vista e passarão mil anos / Enquanto da pátria durar o
amor, / Se encontrará, pra tingi-la a cor: / Enquanto da pátria durar o
afeto / Para tingi-la há sempre sangue em cada peito³¹.

Transcreveu-se ainda um poema com o título “Renascendo”, como prelúdios de vitória e esperança que necessitava a morte de muitos dos seus filhos, conforme um fragmento: “hora suprema esta que nutre o germe de uma vida nova [...] avante o povo da Itália [...] Ó mãe bendita, não te desesperes, embora teu desgosto seja grande [...] teus filhos lá em cima salvam o mundo”³².

Estes foram alguns destaques publicados no *Vita Coloniale* com o intuito de incentivar e atrair voluntários à guerra, bem como an-

gariar donativos em prol das instituições de auxílio aos feridos e aos soldados e suas famílias. São enormes as listas divulgadas mensalmente, embora em algumas delas conste que a soma é o referente a dois meses. Outras ainda trazem a soma anual ou individual sem nenhuma especificação. O exemplar de 15/08/1917 elencou os seguintes valores:

Remetido do Régio Vice-Cônsul regente ao consulado Dr. Alberto Bianconi, 557\$240; do Sr. Massimiliano Mengarda, fruto de subscrição em Indaial, 24\$00; do Sr. Giacinto Tasso, (régio agente consular em Laguna): a) por conta da comissão pró Cruz Vermelha de Rio Maior, 109\$600. b) por conta da Sociedade de Rio Maior 164\$660; do Sr. Domenico Demarchi de Jaraguá, 40\$000; da colônia de Florianópolis pelo mês de junho, 114\$000; da Cooperativa de Urussanga, através do Sr. Giacinto Tasso, 516\$000; Total: 1.525\$500³³.

As listas dos italianos subscritos forneciam o nome e a contribuição de cada um deles. Desse modo, em Florianópolis, referente ao mês de junho, constam os seguintes senhores:

Brando Michele, 5\$0000; Giovanni Dalascio, 5\$000; Francesco Faraco, 5\$000; Michele Pinto, 2\$000; Michele Degiacomo, 5\$000; Giuseppe Camarieri, 5\$000; Nicola Camarieri, 5\$000; Domenico Evangelista e irmão, 10\$000; Vito Peluso, 5\$000; Luigi Catani, 5\$000; Lino Soncini, 10\$000; Alessandro Pagani, 2\$000; Teodoro Ferrari, 10\$000; Andrea Bonetti, 2\$000³⁴.

Para o articulista, este valor para os italianos residentes na capital era baixíssimo e solicitava que esta colônia se fizesse honrar e juntar mais compatriotas às listas. É notável o grande envolvimento de todos os núcleos rurais. A título de exemplo, a contribuição remetida por eles pode ser visualizada na compilação e síntese das tabelas abaixo:

Lista dos Inscritos em Prol da Cruz Vermelha Italiana

LOCALIDADE	ORGANIZADOR	CONTRIBUINTES	TOTAL
Nova Veneza	Giovanni Campo	24	35\$300
	Gaetano Magrinelli	12	26\$000
	Francesco de Nes	24	51\$000
	Antônio Remor	05	31\$000
Tubarão	Antônio Pizzo	31	152\$900
*Treze de Maio	Raveane Bortolo	36	31\$500
Rio Pio - Nova Treviso	Manlio Pagani	60	60\$008
*Rio Mãe Luzia	Maria Brambilla	71	88\$000
Urussanga	Dr. Aurélio Rótolo	-	95\$000
Pedras Grandes	Ignácio Carginin	-	8\$000
Azambuja	Valentino Bardini	-	7\$500
*Araranguá	-	-	65\$000
Linha Torrens	Ridieri Martino	46	70\$000
*Aquidaban	Pedro Mazzini	61	43\$700
Ascurra	Pedro Trentini	54	44\$400
Baixo Pomeranos	Giacinto Bendoti	17	21\$620
*Médio Pomeranos	Escola Italiana	-	36\$000
Rio dos Cedros	Silvio Campestrini	-	35\$000
São Bernardo	Giacomo Zoboli	-	9\$900
Rodeio	Giacomo Faes	72	41\$500
Caminho Tirolese	Felice Salvatore	41	41\$700
*Rio do Sul	Andréa Largura	16	141\$400
Rio do Peixe - Itajaí	(envio espontâneo)	05	185\$000
	Lazzaris Battista	-	7\$600
*Florianópolis	-	13	114\$000
Imarúhy	Pe. Ludovico Cocco	-	10\$000
Palhoça	Pasquale Costa	34	80\$700
	Quintilio Zanella	43	80\$700
Rio Serro	Domenico Marchi	31	59\$200
*Luiz Alves	Tiziano Micheluzzi	27	31\$600
	Eugênio Mosca	35	33\$300
Rio Comprudente	Antônio Maffato	51	59\$200

Rio Comprudente	Antônio Maffato	51	59\$200
*Campos Novos	-	-	111\$600
*Joinville –Rib.Cavalo	Enrico Mazzoli	37	53\$000
*Novo Horizonte	Giacinto de Brida	09	76\$000
*São Joaquim	Egídio Matorano	30	203\$500
*Praia Comprida	Domenico Filomeno	03	13\$000
*São Bento	Ângela Frigo	49	56\$700
*Rio Turvo	Davide Raspini	42	78\$000

Fonte: Suplementos do jornal *Vita Coloniale*, nº 11 de 01/02/1918; nº 13 de 01/03/1918; nº 23 de 01/08/1918.

(*) Valores bimensais. (-) Não identifica o organizador da lista e nem o número de contribuintes.

Subscrição Especial em Prol dos Fugitivos Vênnetos

LOCALIDADE	CONTRIBUINTES	TOTAL
Orleans	56	499\$300
Rio das Furnas	34	-
Rio Bello	15	-
Barracão	34	-
Rio das Laranjeiras	20	-
Oratório	18	-
Rio Tubarão	10	-
Total:	-	1.267\$000
*Florianópolis	-	255\$000
*Campos Novos	-	400\$00
*Luiz Alves	-	533\$020
*Braço Serafim	(Luiz Alves)	83\$000
*Azambuja	-	180\$000
*Lages	-	1.024\$500
*Criciúma	-	2.122\$500
*Nova Veneza	-	1.100\$000
*Urussanga	T. Tasso, A. Ferraro e L. B. Battì	65\$700
Total	-	10.063\$820

Fonte: Suplemento do jornal *Vita Coloniale*, nº 11 de 01/02/1918.

* Valores correspondentes ao ano de 1917.

Através dessas campanhas, o jornal exerceu a função de coagir os italianos por meio de apelo aos sentimentos de patriotismo e nacionalismo. Dessa forma, conforme já se apontou anteriormente, também o *La Tribuna* destacava as figuras nacionais contemporâneas, o *Duce* e o Rei, bem como os vultos históricos, principalmente Giuseppe e Anita Garibaldi. Ademais, a primeira edição apresentava o objetivo a que se destinava: defender os interesses das colônias em vista do seu desenvolvimento, contribuir na propagação das indústrias, do comércio, da agricultura e dos outros ramos de atividades exercidas pelos 70.000 italianos existentes no estado, manter acesa a italianidade e a consciência dos direitos sagrados defendidos tenazmente por Mussolini que dirigia os destinos da Itália. Levar a todos a voz da Mãe-Pátria e estreitar os laços de amizade entre o Brasil e a Itália³⁵.

Pelo conteúdo desse periódico, verifica-se que através das notícias da Itália procurava-se manter a chama da italianidade. Os grandes personagens, o Rei Vitor Emanuel III e Mussolini eram postos em evidência em poemas, como no discurso laudatório de autoria de José de Diniz, da Academia de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico:

Existem homens que atraem a admiração do mundo. Seus nomes são bandeiras. Napoleão e César vivem em mim, vivem na minha admiração. Quase os venero. Conheço-os desde os doze anos. Tenho-os na retina: inapagáveis, fulgentes, apoteóticos, epopéicos. São os reflexos da alma. É a voz do coração. Erijo altares aos heróis. A luz votiva é eterna: ilumina sempre. Hoje Mussolini! Sim, Mussolini! É a Itália épica, cuja grandeza atrai, maravilhosa, nascida de sua própria glória. Mussolini é o homem-século! O homem-pátria! Ao redor de seu nome vigiam os incensadores e os corifeus da inveja. É o incenso e o veneno. Mussolini trabalha e edifica. Sua vida prescinde de adulações. O barro não o mancha, não o atinge, fica nos sapatos. Homem que não nasceu só para si mas para a Pátria. Se sacrifica, com risco da própria vida. E se fosse necessário, oferecê-la-ia em holocausto pela liberdade da Itália. Mussolini – Itália! Itália! – Mussolini! Admiro o maior dos reformadores, olhando encantado, através do esplendor de sua obra, o orgulho da terra e do povo italiano. Como brasileiro que ama patrioticamente o Brasil, exclamo saudando o grande latino: Ave, Mussolini!³⁶

Esse texto expressa o que a redação procurava transmitir através de tantos outros artigos publicados em Roma, Milão e outras cidades e que eram transcritos pelo redator. No periódico, o texto fazia alusão ao dia 11 de fevereiro de 1929, quando foi assinado o “Tratado de Latrão”. Assim, o “santo” Pio XI, o “prudente” Vitor Emanuel II e o “vigoroso” Benito Mussolini passaram para a centralidade dos fatos que deveriam lembrar aos italianos do Brasil o valor da Pátria que os vira nascer³⁷. A admiração à Pátria se concretizava no culto aos heróis que se tornavam “símbolos poderosos, encarnações de idéias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva”³⁸, que engrandeciam a Pátria.

Nesse sentido, as notícias em destaque eram aquelas relativas aos eventos promovidos pela *Fratellanza Italiana*. Esta sociedade, segundo o articulista, nascera do sentimento filial de amor à Pátria de seus 71 sócios fundadores. Segundo seus estatutos, de 1892, os objetivos traçados pelos sócios foram: assistência médico-farmacêutica em caso de doença ou de outras desgraças, além de um auxílio diário aos sócios necessitados ou em caso de desemprego, assistência em idade avançada. Por ocasião da morte de algum sócio, a sociedade usaria do dinheiro em caixa para as despesas de funerais e assistência à família. Entre esses objetivos, visava-se a união e fraternidade entre italianos e brasileiros. A longo prazo objetivava-se investir na instrução e na construção de um hospital para atender as necessidades dos italianos residentes em Santa Catarina.

Registra-se ainda, a partir desse periódico, uma divergência ocorrida entre o diretor Biagio D’Alascio e o vice-cônsul Giacomo Ungarelli. Essa desavença ocorrera devido ao não acatamento da proposta de existência de um único jornal italiano, ou seja, que o jornal de Curitiba servisse também para Santa Catarina. Mas, apesar deste plano, fundara-se o *La Tribuna*. Esses conflitos, que no início se deram por causa a fundação do jornal, ao longo do tempo direcionaram-se para a dissolução do *fascio*³⁹ italiano de Florianópolis, que tinha o apoio da *Fratellanza*. Nos últimos números publicaram-se artigos reprovando a atitude do vice-cônsul Ungarelli.

Pode-se perceber que esses jornais, como “produtos sociais”, constituíram-se em espaços importantíssimos de criação de “ver-

dades”, de representações específicas, almejando o consenso e aprovação dos destinatários. Os jornais reforçaram valores, reelaboraram condutas, definiram sociabilidades, construíram identidades, apresentaram manchetes em que os discursos expuseram a realidade social. Ao mesmo tempo, constituíram-se num apelo à ação e a um comportamento determinado⁴⁰, isto é, “ser italiano” no Brasil.

Os discursos apropriaram-se de figuras, símbolos e metáforas que otimizaram a realidade e minimizaram as tensões vivenciadas nos núcleos coloniais, que ameaçavam a perda dos vínculos com a pátria italiana. Exerceram também uma forma de “poder” sobre os indivíduos convocando à participação na guerra, pois teceram significados àquela realidade, e produziram “objetos e rituais de verdade”⁴¹.

Dessa forma, o consulado e os jornais, através de seus redatores, utilizaram-se de argumentos persuasivos justificando a necessidade da união dos italianos e a defesa da pátria italiana. Neste sentido, pode-se inferir também a afirmativa de Baczko, de que o poder não é exercido somente pela coação física, mas também através de símbolos que reforçam e duplicam a dominação. Os sistemas simbólicos não são dados e sim construídos a partir das experiências e desejos dos sujeitos e, assim, travam-se constantes lutas pela construção desse imaginário, entendendo-se a sua função coletiva de legitimar e invalidar as ações dos indivíduos e acusar, produzindo visões de futuro, projetando angústias, esperanças e sonhos coletivos⁴².

Enfim, pode-se ainda inferir que o discurso funcionou como uma estratégia política que, além da tentativa de construir a italianidade, constituiu-se em um espaço de resistência frente às medidas legais nacionalizantes, que estavam sendo impostas pelo governo brasileiro, na investida de abasileiramento dos grupos estrangeiros.

Notas

1. JORNAL L'Eco de Bergamo, 08/01/1891. Apud SANTOS, Roselys Izabel Correa dos. **A terra prometida**. Emigração italiana: mito e realidade. 2. ed. Itajaí: Ed. da UNIVALI, 1999, p. 103.
2. Relatório do engenheiro Francisco Ferreira Pontes, chefe da comissão de terras e colonização, 14/09/1885.
3. As traduções dos textos dos periódicos são da autora.

4. *O Operário, Vida Colonial e A Tribuna*.
5. A “Sociedade Fraternidade Italiana” tinha sido fundada em 20/09/1891 e localizava-se na rua em frente à Igreja Nossa Senhora do Rosário, no centro da capital. JORNAL O Comércio. Desterro, 22/09/1891, p. 01.
6. Não se sabe a data do término da circulação destes jornais. Quando fala-se em última edição a referência é às coleções existentes na Biblioteca Pública do Estado.
7. Apud Santos, 1999, p. 36.
8. O tema do fascismo é ainda pouco explorado na historiografia catarinense. Foi um sistema político nacionalista, imperialista, antiliberal e antidemocrático, organizado por Mussolini, logo após a Primeira Grande Guerra Mundial. Ver em TRENTO, Ângelo. **Fascismo italiano**. São Paulo: Ática, 1993.
9. Em italiano, “Uomo” – aqui, refere-se a Benito Mussolini.
10. JORNAL LA TRIBUNA, nº 01, 01/02/1932.
11. Mussolini adotou o título de *Duce* em 1925. A palavra tem origem no latim *dux*, o que conduz, guia, o chefe.
12. BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: **Enciclopédia Einaudi, V. I**, Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984, p. 313.
13. Baczko, 1984, p. 314.
14. VALANDRO, Ede Maria. **Em resposta ao clamor do povo**. Joinville: [S.l.], SWSS1990, p. 33.
15. JORNAL L'OPERAIO, nº 06, 09/08/1896.
16. A “Federação de Cooperativas das Colônias Italianas do Sul do Estado de Santa Catarina” foi fundada em 20/09/1891, na mesma data da Associação de Mútuo Socorro e Irmandade Italiana – “A Frattelanza”. As localidades que no ato da fundação integravam esta Federação foram: Urussanga, Nova Veneza, Azambuja, Nova Belluno, Cocal, Criciúma, Nova Orleans, Nova Treviso, Armazém. Seu primeiro presidente foi o siciliano Miguel Nápoli. JORNAL O Comércio, Desterro, 22/09/1891, p. 01.
17. Avante, queridos, estimados, caros compatriotas.
18. JORNAL VITA COLONIALE, nº 01, 15/08/1917, p. 01.
19. JORNAL VITA COLONIALE, nº 18, 15/05/1918, p. 05.
20. Durante a circulação deste periódico, o cônsul era Attilio Carnelutti. Assumira a direção do Consulado Italiano em Florianópolis na data de 20/06/1917.
21. JORNAL VITA COLONIALE, nº 01, 15/08/1917, p. 01.
22. JORNAL VITA COLONIALE, nº 05, 01/11/1917, p. 01 e 02.
23. JORNAL VITA COLONIALE, nº 01, 15/08/1917, p. 01.
24. JORNAL VITA COLONIALE, nº 05, 01/11/1917, p. 03.
25. JORNAL VITA COLONIALE, nº 11, 01/11/1918, p. 02.
26. JORNAL VITA COLONIALE, nº 12, 15/02/1918, p. 01.
27. JORNAL VITA COLONIALE, nº 26, 20/09/1918, p. 02.
28. JORNAL VITA COLONIALE, nº 19, 01/06/1918, p. 03.
29. JORNAL VITA COLONIALE, nº 12, 15/02/1918, p. 03.
30. JORNAL VITA COLONIALE, nº 19, 01/06/1918, p. 04.
31. JORNAL VITA COLONIALE, nº 20, 15/06/1918, p. 04.
32. JORNAL VITA COLONIALE, nº 23, 01/08/1918, p. 02.
33. JORNAL VITA COLONIALE, nº 01, 15/08/1917, p. 04.
34. JORNAL VITA COLONIALE, nº 01, 15/08/1917, p. 04.
35. JORNAL LA TRIBUNA, nº 01, 01/02/1932.
36. JORNAL LA TRIBUNA, nº 02, 15/02/1932.
37. JORNAL LA TRIBUNA, nº 02, 15/02/1932.

38. CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 55. Carvalho; nesta obra, destaca que para a sua consolidação, o novo regime (a República), utilizou-se de símbolos, imagens e heróis, como por exemplo Tiradentes, visando atrair a simpatia dos cidadãos.
39. O *fascio* era o emblema do partido fascista, representava unidade e poder e lembrava o feixe de varas – símbolo romano antigo. *Fasci* = grupo.
40. Baczko, 1984, p. 311.
41. FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 10. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1993, p. 172.
42. Baczko, 1984, p. 312.